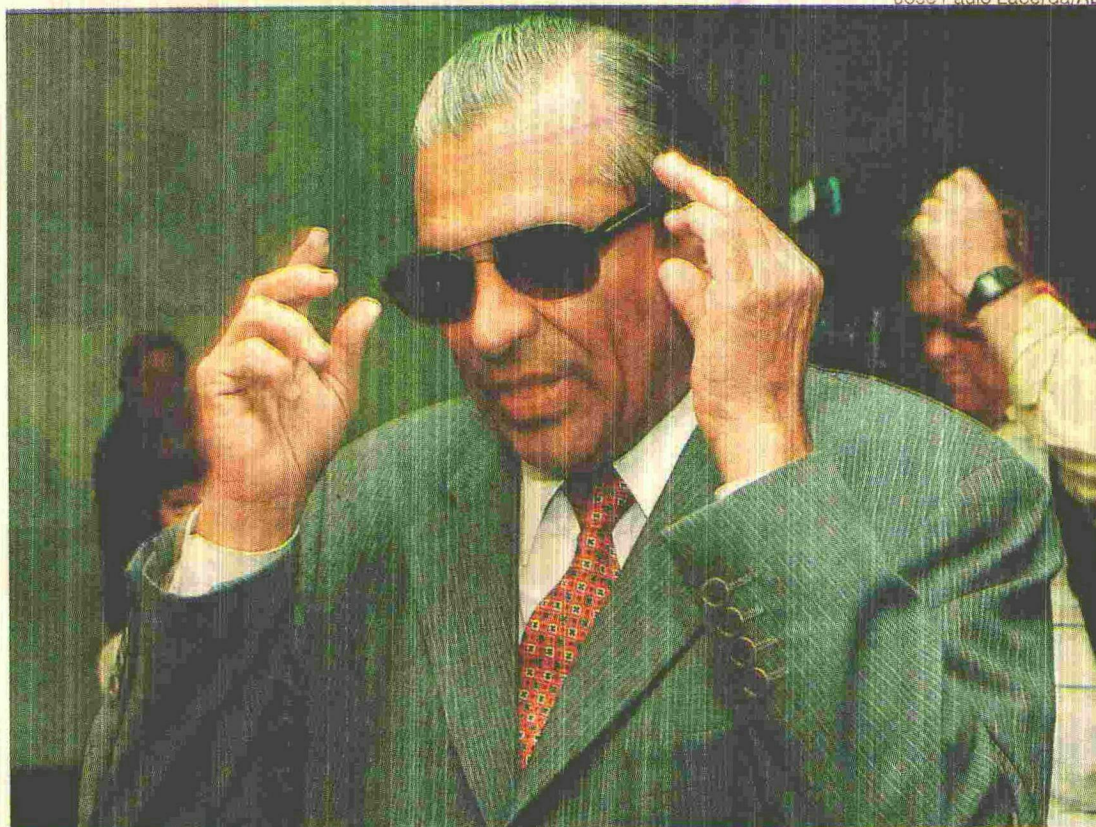


Alckmin ironiza 'salto alto' de Inocêncio



Inocêncio: 'Quem é especialista em salto alto é o PSDB. Eu uso alpargatas e sandalinhas de borracha'

Governador sai em defesa de Serra e afirma que acredita na manutenção da aliança governista

ANA PAULA SCINocca
e ALEXANDRA PENHALVER

O governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB), disse ontem que o PFL está de "salto alto", ao rebater as críticas do líder do partido na Câmara, Inocêncio Oliveira (PE), dirigidas ao ministro de Saúde, José Serra. O pefelista afirmou, na segunda-feira, que Serra não seria um bom candidato a vice da governadora do Maranhão, Roseana Sarney, numa eventual chapa da base governista, por não ter "empatia com o eleitorado e não ser bom de voto". "Salto alto para a dona Roseana até que fica bem, mas para o Inocêncio, não", ironizou.

Roseana aparece em segundo lugar nas pesquisas de intenção de voto para a Presidência em 2002 e é, até o momento, a estrela solitária dos programas de TV do PFL. A governadora fica atrás apenas do petista Luiz Inácio Lula da Silva, que tem 30% das intenções de voto.

Apesar da disposição do PFL em lançar Roseana para disputar a sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso, Alckmin continua a defender a política de alianças, tanto na corrida à Presidência como na disputa pelo comando do Estado, mas considera natural que os partidos defendam seus quadros. "O PFL defende sua candidatura e nós defendemos a nossa." Para ele, quem eleger o presidente da República precisará se aliar para ter condições ideais de governabilidade.

A disputa pela vaga de candidato do PSDB à Presidência está sendo travada entre Serra, o governador do Ceará, Tasso Jereissati, e o ministro da Educação, Paulo Renato. Alckmin explicou que não há no partido um conselho formal para mediar essas disputas, mas admitiu que os tucanos têm mantido conversas informais sobre qual seria a melhor alternativa do partido para 2002.

Em Brasília, o ministro José Serra negou-se a comentar as declarações de Inocêncio sobre sua capacidade eleitoral. "Não vou responder àquilo", reagiu o ministro. Serra conversou longamente na manhã de ontem com Fernando Henrique sobre as declarações do líder pefelista e decidiu que não iria revidar. Evitou criticar novamente o candidato do PPS à Presidência, Ciro Gomes, que o acusou de ter dificultado a implantação do Plano Real em 1994.

Entre os assessores do ministro, a impressão é de que os ataques de Inocêncio têm origem na política regional. Natural de Serra Talhada, em Pernambuco, Inocêncio já foi derrotado em duas eleições para a prefeitura pelo PSDB — partido do atual prefeito.

A reação do PSDB aos ataques de Inocêncio ficou por conta do governador Geraldo Alckmin, partidário discreto mas firme da candidatura do ministro à sucessão em 2002. O governador e o ministro teriam firmado um acordo de apoio mútuo. Serra disputará a sucessão de Fernando Henrique, se for o escolhido do partido. Se não for, disputa uma vaga no Senado, deixando o governo para Alckmin. Embora não tenha assumido oficialmente sua candidatura à reeleição, Alckmin é o nome preferido de Serra para governar São Paulo. Nos últimos dias, o governador tem sido pressionado a revelar se vai se afastar do cargo, como fez seu antecessor Mário Covas, ou vai continuar no governo durante a campanha.

"Afastar-se do cargo não é questão de ética, e sim de foro íntimo", desconversa o governador. Em 1998, Covas optou por licenciar-se enquanto concorria novamente ao cargo. "Na época ele me disse: eu confio no vice." De acordo com a Constituição, Alckmin não é obrigado deixar o cargo para disputar a reeleição.